

# TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO- CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DOIF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

## IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)  
Dissertação (mestrado)  
Monografia (especialização)  
TCC (graduação) (X)  
Produto técnico e educacional - Tipo:

Artigo científico  
Capítulo de livro  
Livro  
Trabalho apresentado em evento

Nome completo do autor: 1 Marilza Valéria Daurte de Oliveira

Matrícula: 2018205221353132

2 Elisângela Leles Lamonier

Título do trabalho:

## RESTRICÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

NÃO

Documento confidencial: (X) Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIIF Goiano: 07/12/2022.

O documento está sujeito a registro de patente? ( ) Sim (X) Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? ( ) Sim (X) Não

## DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/7282706943915883>

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/7175715121981610>

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local Aragarças- Goiás

07/12/2022  
Data

*Marilza Valéria Duarte de Oliveira*

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo: SIM

*Elisângela Leles Lammone*

Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO



Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância

## Anexo II

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Aos onze dias do mês de novembro de dois mil e vinte e dois, às 14 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Elisângela Leles Lamonier (orientadora), Calixto Junior de Souza (membro) e Marilúcio Tavares do Nascimento (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado "O papel do pedagogo no processo de inclusão escolar de crianças autista" da estudante Marilza Valéria Duarte de Oliveira, Matrícula nº 2013205221354322 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância.

A palavra foi concedida à estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição da candidata pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO da estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

*Elisângela Leles Lamonier*

Orientador/Presidente da Banca

*Calixto Junior de Souza*

Membro

*Marilúcio Tavares do Nascimento*

Membro

*Marilza Valéria Duarte de Oliveira*

Acadêmico

## O PAPEL DO PEDAGOGO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM CRIANÇA AUTISTA

Marilza Valéria Duarte de Oliveira <sup>1</sup>

Elisângela Leles Lamonier <sup>2</sup>

### RESUMO

Esse estudo foi desenvolvido através de uma revisão bibliográfica com base em conceituados autores que abordam sobre o papel do professor no processo de inclusão escolar de crianças com autismo, de forma a buscar respostas para o seguinte questionamento: Qual o papel do pedagogo frente à inclusão escolar de crianças com autismo? O objetivo maior a ser alcançado com este estudo é refletir sobre o papel do pedagogo na escolarização e inclusão escolar de crianças autistas. Dessa forma, este trabalho se fez pertinente, uma vez que, a cada dia que passa, estamos acompanhando uma maior frequência de crianças com autismo dentro do ambiente escolar, e o papel do professor é muito importante para que o processo de inclusão, adaptação escolar e o processo de ensino-aprendizagem ocorra sem prejuízos ao desenvolvimento dos alunos. Nesse sentido, se torna necessário e importante refletir qual o papel e a importância do pedagogo dentro desse processo de escolarização e inclusão escolar da criança com autismo, oportunizando toda a formação acadêmica de direito de todos. Findo o estudo, pode-se perceber que o pedagogo desenvolve papel essencial nesse processo de inclusão escolar, através da criação de vínculos e afetividade é possível que a criança se desenvolva e aprenda.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar. Transtorno do Espectro Autista; Processo de ensino-aprendizagem. Pedagogo.

### ABSTRACT

This study was developed through a bibliographic review based on renowned authors who address the role of the teacher in the process of school inclusion of children with autism, in order to seek answers to the following question: What is the role of the pedagogue in the face of school inclusion of children with autism? The main objective to be achieved with this study is to reflect on reflecting on the role of the pedagogue in the schooling and school inclusion of autistic children. In this way, this work became relevant, since, with each passing day, we are following a greater frequency of children with autism within the school environment, and the role of the teacher is very important so that the process of inclusion, school adaptation and the teaching-learning process takes place without prejudice to the development of students. In this sense, it becomes necessary and important to reflect on the role and importance of the pedagogue within this process of schooling and school inclusion of children with autism, providing opportunities for all academic training that is the right of all. At the end of the study, it can be seen that the pedagogue plays an essential role in this process of school inclusion, through the creation of bonds and affection, it is possible for the child to develop and learn. and school inclusion of children with autism, providing opportunities for all academic training of law for all.

**Keywords:** School inclusion. Autism Spectrum Disorder.. Teaching-learning process. pedagogue.

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Iporá

<sup>2</sup>Graduada em Letras, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, docente do Instituto Federal Goiano Campus Iporá, e-mail: elisangela.leles@ifgoiano.edu.br

Este estudo constituiu-se de um projeto de pesquisa para o curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano, na modalidade EAD, e teve como tema “O papel do pedagogo no processo de ensino aprendizagem da criança autista. Acredita-se que estudar sobre o autismo e a sua inclusão no ambiente escolar e o papel do pedagogo no processo de inclusão destes alunos contribui para ampliar o conhecimento na área, oportunizando a formação de profissionais da educação básica na perspectiva da inclusão escolar.

Nesse sentido, o estudo partiu da compreensão que a escola é o local que deve servir como exemplo para a prática da inclusão. É fundamental que a comunidade escolar possa refletir com frequência sobre esse tema, fazendo um “exercício” e repensando sua prática pedagógica e visando um novo “olhar” para o outro, considerando que uma deficiência, por exemplo, é apenas uma condição do ser humano e uma característica entre outras tantas que sabemos que nossos alunos têm. É importante também refletir nossa prática pedagógica no sentido de servir como exemplo de respeito a todos os alunos da sala, sabendo distinguir suas capacidades, suas limitações e procurando encontrar formas adequadas para transmitir o conhecimento e avaliar o aproveitamento de cada aluno dentro de suas especificidades.

Os problemas em relação à inclusão surgem de ambas as partes, surgem por parte da escola e também por parte dos alunos. São tantas as barreiras e entraves que por muitas vezes o educando desiste de continuar na sua luta em busca pelo aprendizado.

O ingresso de uma criança autista em escola regular é um direito garantido por lei, como aponta o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial. A inclusão é um preparo para a vida em comunidade, dando oportunidade às crianças autistas de conviver com crianças que não possuem deficiência; desmistificando rótulos que foram dados por muito tempo e que não condizem com a realidade dos indivíduos autistas.

Para essa compreensão, este estudo foi desenvolvido através de uma revisão bibliográfica, partindo da hipótese de que o professor enfrenta muitas dificuldades para incluir um aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA na escola e que estas dificuldades estão relacionadas com a formação inicial que não oportuniza ao professor um conhecimento adequado sobre o processo de inclusão escolar e sobre as especificidades da criança autista. Na formação inicial ou pedagógica do docente,

geralmente, este conhecimento acontece de forma genérica, ou seja, não traz conhecimentos específicos sobre a temática em estudo.

Nesse sentido, este estudo visa refletir sobre o papel do pedagogo na escolarização e inclusão escolar de crianças autistas. Para isso, será feita uma breve apresentação da educação inclusiva e a legislação pertinente para embasar sobre o processo de inclusão escolar na pessoa com deficiência, em especial, dos alunos com TEA, através dos principais documentos norteadores. Em seguida, será feita uma identificação das principais características do Transtorno do Espectro Autista, além de algumas possíveis estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas no atendimento de alunos autistas no ensino regular; e por fim, será exposto os conhecimentos que os professores detêm sobre a inclusão de alunos com TEA, analisando o que as pesquisas apontam sobre a prática docente junto ao aluno com TEA, com ênfase no papel do professor no processo de ensino-aprendizagem e inclusão escolar do aluno com TEA.

Dessa forma, este trabalho se faz pertinente, pois a cada dia que passa estamos acompanhando uma maior frequência de crianças com autismo dentro do universo escolar e o papel do professor é muito importante para esse processo. Dessa forma se torna necessário e importante refletir qual o papel e a importância do pedagogo dentro desse processo de escolarização e inclusão escolar da criança com autismo, oportunizando uma educação de qualidade e integral a todos.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Educação Inclusiva e a Legislação Pertinente**

Para melhor compreendermos o processo de inclusão escolar da pessoa com deficiência, precisamos voltar no tempo e entender os processos que deram início à essas possibilidades de ingresso das crianças com deficiência nos ambientes escolares e sustentaram suas permanências e sua escolarização, um direito previsto por lei.

No Brasil, a Educação Especial foi iniciada, em 1854, no Rio de Janeiro, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que, atualmente é o Instituto Benjamin Constant (IBC). Em 1857, foi criado o Instituto dos Surdos Mudos, hoje, denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES). Em 1926, foi fundado o Instituto Pestalozzi, instituição criada e especializada no atendimento às pessoas com

deficiências mentais. Em 1945, o primeiro centro especializado às pessoas superdotadas foi criado, por Helena Antipoff; e, em 1954, fundou-se a primeira Associação dos Amigos e Pais dos Excepcionais (APAE) (BRASIL, 2007). A partir da criação e implementação destas instituições específicas para as pessoas com deficiência, percebe-se um maior interesse na formação educacional destes sujeitos, incluindo as crianças com TEA.

O atendimento educacional diferenciado às pessoas com deficiência foi fundamentado em 1961, pela Lei nº 4.024/61, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDBEN), que assegurou o direito dos indivíduos “excepcionais”, no sistema educacional. Poucos anos depois, é implementada a Lei 5.692/71, de 11 de agosto de 1971, que alterou a LDBEN de 1961, que não foi capaz de promover as bases para um ensino diferenciado, que atendesse às necessidades educacionais especiais, resultando no encaminhamento dos estudantes para as escolas e salas especiais. Em 1973, o Ministério da Educação (MEC) criou o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), que gerenciou a educação especial brasileira, impulsionando medidas educacionais para pessoas deficientes e superdotadas (BRASIL, 2007).

Outro aparato legal foi instituído no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que definiu a educação como direito de todos os cidadãos para que o pleno desenvolvimento fosse assegurado a todos. No Artigo 206, inciso 1, da Carta Magna ficou estabelecido “(...) a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” e de acordo com o Artigo 208, cabe ao Estado oferecer atendimento educacional especializado na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

Percebe-se que os documentos normativos, com o tempo, foi resguardando o direito à educação a todas as pessoas, sem discriminação, e as pessoas com deficiência foram tendo seus direitos assegurados, porém garantir em lei o acesso à educação não era suficiente, era necessária uma mudança de comportamento para que esses sujeitos pudessem estar na escola e receberem a formação de direito.

A respeito do Transtorno do Espectro Autista - TEA, o documento MEC/SEESP (2007) define estudantes com autismo como

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado

e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil (BRASIL, 2007, p. 9).

Em 2012, foi sancionada a Lei Federal 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que alterou a Lei 8.112 de 1990, que regulamentava o TEA. Apesar de assegurar que os estudantes com TEA tenham acesso a tratamento médico multiprofissional precoce, acesso a medicamentos e à escola com acompanhante especializado, o que percebemos é que, apesar de legalmente haver os direitos garantidos, nas práticas sociais, ainda há muitas dificuldades que impedem as pessoas com TEA se valer desses direitos. Muitos pais e cuidadores têm lutado por muitos anos para ter acesso ao diagnóstico correto, à inclusão escolar e social, e a um acompanhamento que corresponda às necessidades específicas dos indivíduos com o transtorno.

Em relação a inclusão escolar das crianças com TEA, muitas escolas se propõem a trabalhar com a educação que inclua estes estudantes, no entanto, o que se observa é o despreparo dos profissionais que acabam por excluí-los do processo educacional, por não procurarem se informar sobre esse transtorno e suas características e por não buscarem conteúdos diferenciados para ser desenvolvidos com eles, a fim de que tenham estímulos, se socializem e participem de todo o processo de ensino-aprendizagem junto com todos os alunos.

## **2.2. Transtorno do Espectro Autista**

Para que possamos entender melhor o processo de inclusão escolar da criança com TEA, é importante conhecer as principais características, as especificidades e as possibilidades que este transtorno acarreta. De acordo com Vargas (2011, p. 168), não existe uma definição que delimite o termo “autismo” (2011, p. 163) o que levou Fación (Apud VARGAS, 2011) a conceituá-lo como síndrome e conjunto de sintomas que começam no nascimento da criança, mas manifesta-se antes de três anos de vida. As características apresentadas estão relacionadas a estímulos auditivos, visuais e problemas na compreensão da linguagem. Outra característica é a interação social e as dificuldades de relacionamentos interpessoais.

O TEA é um espectro com várias manifestações com traços similares entre si, não devendo ser concebida a ideia de que existe apenas uma forma. No livro Mundo Singular: entenda o autismo, os autores afirmam que, ao avaliar o espectro autista,

devemos ter em mente que “não se trata de um tudo ou nada, mas de uma variação infinita que vai desde traços leves, que não permitem fechar um diagnóstico, até o quadro clínico completo com todos os sintomas” (SILVA et al., 2012, p. 41).

Inicialmente faz-se necessário diferenciar síndrome de transtorno. De acordo com o Instituto de Psicologia Aplicada a síndrome se caracteriza por ser um termo que se refere a uma doença ou a um transtorno que possui mais de um recurso ou sintoma de identificação, assim, a síndrome é definida por ser uma coleção ou um conjunto de sinais e sintomas que caracterizem ou sugerem uma doença específicas. Já o transtorno refere-se a um estado de alteração psicológica. De maneira literal, o transtorno é o efeito de transtornar, ou seja, de perturbar a ordem regular e comportamental de algo ou de alguém, dessa forma a definição de transtorno é dado como condições de ordem psicológica e/ou mental que comprometem a vida comum de um indivíduo.

O TEA faz parte de um grupo diagnóstico que se chama transtornos globais do desenvolvimento. Uma das características desse grupo é a dificuldades de socialização, iniciando nos primeiros anos da infância e permanecendo durante a vida do indivíduo, o que compromete algumas capacidades, dessas a comunicação e as relações pessoais. Existem cinco categorias desse grupo, segundo Silva et al. (2012, p. 137) que são:

1. Transtorno do autismo.
2. Síndrome de Asperger.
3. Síndrome de Rett.
4. Transtorno desintegrativo da infância.
5. Transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação.

Os indivíduos com o TEA não aceitam mudanças na rotina diária, o que torna sua vida disfuncional. Nesses casos, a participação da família no sentido de potencializar o tratamento do transtorno torna-o eficiente pelas condutas adequadas, multiplicando os ganhos da criança e contribuindo para o seu desenvolvimento comportamental.

Outro aspecto importante é o desenvolvimento da linguagem pelo fato de que esses indivíduos apresentam dificuldade em expressar o que desejam, acabam por ficarem irritados, mostrando, inclusive, agressividade. Vargas (2011) pontuam que em casos mais graves do TEA, o fato de querer algo e não conseguir expressar o que querem pode levar o indivíduo a se jogar no chão, bater a cabeça ou gritar.

Por isso, é comum casos de crianças com o TEA terem crises de birra, mas, de acordo com Silva et al. (2012), os pais ou cuidadores devem “ignorar” momentos em que a criança se expressa assim, pois, quanto mais a criança consegue o que quer por meio de choros e gritos, menos necessidade ela sentirá de falar, já que a comunicação por meio de birra faz o papel da linguagem. De acordo com os autores,

(...) se os pais e/ou cuidadores não aprenderem a ignorar as crises de birra das crianças com autismo, elas tendem a se manter ao longo da vida, o que pode gerar quadros de agressividade toda vez que são contrariadas ou frustradas, deixando a família refém de suas vontades. O processo de extinção desse quadro é vital para que tenham uma convivência aceitável, o que se refletirá em sua vida futura (SILVA et al., 2012, p. 151).

Além das dificuldades apresentadas, associam-se algumas comorbidades ao transtorno, tais como ansiedade, depressão, déficit de atenção e hiperatividade e crises epiléticas. Conforme afirmam Silva et al. (2012, p. 141): “70 a 75% dos portadores de autismo podem apresentar crises convulsivas, com início na infância e na adolescência”.

A partir do exposto, percebe-se a importância de conhecer as características do TEA, reconhecer as especificidades e as potencialidades de uma criança autista, além de promover e oportunizar situações para o seu desenvolvimento, seja no ambiente familiar, social e, em especial, no ambiente escolar, incluindo-o em todos os processos de ensino-aprendizagem, mas para isso é necessário pensar em estratégias pedagógicas para que respeite as particularidades da criança com TEA e que oportunize o seu crescimento e a sua formação.

### **2.3 Estratégias pedagógicas para ensino de crianças com TEA**

O sistema escolar considera a criança com autismo como um aluno que possui necessidades educacionais especiais e procura incluí-la na escola regular. Este processo requer uma pedagogia terapêutica extremamente individual e especificamente orientada, garantido métodos de ensino e de aprendizagem necessários, quer como terapia isolada, quer em grupo.

Segundo Coll; Palacios (2004), o sistema educacional deve levar dois fatores em consideração ligada a crianças autistas: a diversidade e a personalização. Nesse sentido Pelin (2013) coloca que de acordo com os autores acima, que não somente a diversidade e a personalização, mas muitos outros são os fatores que devem ser levados em consideração para se definir uma orientação educativa apropriada para os alunos que

possuem o Transtorno do Espectro Autista.

Em relação a escolha da escola faz-se necessário observar os seguintes fatores : escolha das escolas de pequeno porte e número baixo de alunos, que não exijam interações de grande complexidade; são preferíveis as escolas estruturadas, com estilos didáticos mais diretivos e formas de organização que tornem possível as atividades escolares; tem que ter fundamentalmente compromisso efetivo do conjunto de professores e dos professores concretos que atendam a criança com TEA; é necessário que a escola tenha recursos complementares e especialmente psicopedagogas(os) com funções de orientação. É importante também proporcionar pistas aos colegas da criança autista para que haja compreensão e apoio de suas aprendizagens e relações.

Outra estratégia indispensável é o treino por imitação e o treino dos órgãos dos sentidos. Para isso, é evidentemente necessário pessoal com a formação adequada que irá trabalhar depois com êxito, desde que entenda onde estão as capacidades do aluno com TEA e como é que elas podem ser desenvolvidas. De acordo com Morgado (2011, p. 18) é importante começar com a capacidade do aluno na área da comunicação e socialização, em situações do dia a dia, sem esquecer de desenvolver a motricidade global e fina, integração óculo - manual, “performance” cognitiva e competências cognitivas verbais, entre outras inúmeras áreas, dependendo da criança em si e do desenvolvimento das suas capacidades inerentes.

Segundo Hewitt (2006), para se adaptar ao método de ensino às crianças com autismo deve-se começar por identificar o que devemos ensinar a uma criança com TEA, o que é uma tarefa complicada e delicada, já que elas não se ajustam às formas habituais de avaliação. De acordo com Jordan (1990),

Os seus comportamentos são paradoxais. Parece que sabem fazer determinadas coisas em determinados ambientes, e, pelo contrário, têm grandes desfasamentos em áreas que deveriam dominar. Não se ajustam às normas habituais de aplicação de testes e questionários estandardizados, pelo que é preciso arranjar outras formas adaptadas à sua compreensão. Suportam mal a frustração. Para conseguirmos a máxima rentabilidade, precisam incentivos fora do comum (música, alimentos...), quando lhes estão a ser aplicadas as provas. Estas devem ser aplicadas em várias sessões de curta duração” (JORDAN, 1990, p.55).

Hewitt (2006) ainda coloca que a pessoa com TEA apresenta várias limitações, dentre elas comprometimento na comunicação, dificuldade na interação social e atividades restritas e repetitivas (uma forma rígida de pensar estereotipada). O pedagogo

para trabalhar com uma criança com TEA, primeiro deve o observar e conhecer seu educando antes de adaptar as atividades e conteúdo para sala de aula e mediar, quando for necessário, cada atividade ou situação didática.

Deve descobrir suas habilidades e quais precisam ser alcançadas, avaliar os recursos utilizados no ambiente de acordo com as especificidades da criança com TEA, buscando práticas pedagógicas que ajudam no desenvolvimento da aprendizagem, procurando atividades que não dure muito tempo e nunca punir o erro, pois em todo o processo de ensino-aprendizagem “haverá conquistas e erros, muitas vezes mais erros que conquistas, mas o trabalho jamais será em vão” (CUNHA, 2012, p. 30).

O uso de Tecnologias Assistiva -TA é de grande importância na educação de estudantes com TEA, porque auxilia na comunicação e desenvolvimento físico, mental e possibilita maior participação e autonomia nas atividades escolares, através de materiais adaptados e recursos tecnológicos previamente estudados de acordo com a dificuldade do estudante para lhe fornecer suporte, segurança e melhor desempenho nas aulas, pois como diz Bersch (2006), usar TA na escola é:

[...] buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realiza o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa “fazer” de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e artes, com a utilização de materiais escolares e pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto. É prover meios para que o aluno possa desafiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator. (BERSCH, 2006, p. 89).

Assim, podemos perceber que o pedagogo ao fazer uso das TA estará propiciando a criança autista maiores possibilidades de adaptação e participação nas aulas, permitindo que a construção do conhecimento e da aprendizagem flua de maneira satisfatória e concreta.

A partir do exposto, observa-se que são inúmeras possibilidades de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo; que existem várias estratégias pedagógicas que auxiliam no desenvolvimento desses alunos, mas não basta ter os recursos disponíveis, é importante que o professor, em especial, o pedagogo reconheça o seu papel nesse processo de formação da criança com TEA.

## 2.4 O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem da criança com TEA

Ao ingressar na escola estabelecemos um marco importante no nosso desenvolvimento social e formação como indivíduo. É no espaço escolar que se aprende a socializar, por meio das experiências (conhecimento empírico) e adquire o conhecimento acadêmico. Dessa forma, o indivíduo é preparado para a vida em sociedade.

Quando uma criança com o TEA convive no ambiente familiar, há características e comportamentos que não são percebidos pelos pais, porque estes procuram se adaptar às necessidades dela. Ao ingressar na escola, aparecem dificuldades e outros comportamentos que os pais não conheciam, influenciados pelo convívio com outras pessoas no ambiente escolar. Nesse momento, em que os pais não estão presentes para intermediar os acontecimentos, é que surgem os grandes desafios; é preciso que a criança conviva com os demais e revele suas aptidões. Na escola existem regras que são estabelecidas, diferentes do ambiente doméstico (SILVA *et al.*, 2012).

Quando há a necessidade de mudança na rotina de uma criança com TEA, é importante que os familiares e os professores usem estratégias para que esse processo se dê de maneira mais natural possível. A utilização de brincadeiras, jogos, atividades em grupo e demais atividades orientadas pelos professores podem auxiliar nesse processo.

A partir dos estudos realizados, observa-se que o sistema educacional tem exigido cada vez mais das crianças, mesmo aquelas que não têm o transtorno, que se ajustem as regras impostas, com uma imersão de conteúdos cada vez mais, objetivando seu aprendizado cada vez mais precoce (SILVA *et al.*, 2012).

Nos casos de TEA, o desempenho escolar varia de acordo com o nível do transtorno, algo que tem de ser avaliado para que a escola faça as adaptações individualizadas de acordo com o nível de transtorno e cada caso específico. Nesse processo, pode ser necessária a mudança no funcionamento da escola oferecendo uma entrada/saída opcional para esses alunos e também um ambiente tranquilo e reservado para passarem o recreio, da estrutura, formação dos professores e nas relações estabelecidas com os pais.

Nos casos de nível grave do TEA, deverá ser providenciado um profissional de apoio permanente, porque o estudante apresenta maior dependência, devido ao atraso mental, assim como os casos clássicos, que têm comprometimentos na linguagem,

apresentando comportamentos repetitivos e dificuldades de interação. Os casos leves já conseguem acompanhar os conteúdos pedagógicos, mas com algumas restrições a serem observadas (SILVA *et al.*, 2012).

O acompanhamento dos estudantes com o TEA deve ser especializado e individualizado. Diante de algumas dificuldades para se trabalhar com os casos que apresentam o transtorno, é necessário que os professores estudem métodos para ensinar de forma mais eficaz. No entanto, esses profissionais podem se sentir angustiados ou frustrados devido à “quebra da expectativa que têm desses alunos” (SILVA *et al.*, 2012, p. 77). É necessário que esses professores, tanto os que trabalham com as crianças autistas como os demais professores das unidades escolares devem receber apoio psicológico adequado.

Aos professores, não cabe fazer o diagnóstico de crianças com o TEA, porque segundo Silva *et al.*, (2012, p. 77), “em sua grande maioria, não tiveram a formação especializada de como identificar sinais e sintomas nesse grupo de crianças”. É importante ter o diagnóstico com o relatório de suas potencialidades e suas dificuldades para que o professor possa intermediar o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, por passarem muitas horas com as crianças, esses profissionais podem perceber algumas dificuldades e alterações de comportamento para orientar os pais na busca acompanhamento profissional especializado, colaborando para que se efetive um diagnóstico correto e tratamento terapêutico adequado, colaborando com as práticas e atividades desenvolvidas na escola.

Nesse sentido, Silva (*et al.* 2012), assegura que com afetividade e dedicação, é possível que o professor adquira confiança dos estudantes com o TEA e isso contribui para seu desenvolvimento. A busca por informações sobre o transtorno e com técnicas adequadas que incluem associação de figuras e imagens, o aprendizado desses estudantes passa a ser eficaz à medida que os ajuda a compreender os conteúdos aplicados.

Na interação com o grupo e os pares, o professor pode auxiliar a interação por intermédio de brincadeiras e atividades desenvolvidas de forma coletiva. Nessa perspectiva, Silva *et al.*, (2012, p. 80), considera que, “com o tempo, a criança desenvolve seus próprios instrumentos para manter as relações, se tornando mais hábil

socialmente”. Dessa forma, os demais do grupo aprendem a lidar com as diversidades e tornam-se mais tolerantes e solidários.

O trabalho pedagógico dos indivíduos com o TEA precisa ser diferenciado, procurando tirá-los do mundo imaginário em que, muitas vezes, se encontram, trazendo-os para o mundo real. Para isso, é fundamental que os professores se sintam seguros e preparados para colaborar com todos os processos formativos, buscando informações, aprimorando suas práticas pedagógicas, utilizando recursos didáticos e estratégias de ensino que de fato colaborem com o processo de ensino-aprendizagem da criança com TEA e, conseqüentemente, de todos os alunos envolvidos.

Pereira (2021) em seu estudo apontou que em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujos portadores integram o público-alvo da educação especial – por tratar-se de um Transtorno Global do Desenvolvimento –, encontra-se uma dificuldade maior, pois ainda que haja algumas características compartilhadas entre seus portadores, tais como dificuldades nas habilidades sociais e comunicativas e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e/ou atividades, existem variações consideráveis de intensidade, topografia e frequência (VICARI, 2019; WELZENMANN *et al.*, 2020). Essas especificidades acabam se tornando barreiras adicionais ao atendimento adequado dos estudantes portadores de Transtorno do Espectro Autista (e, por vezes, culminam na evasão escolar (KUBASKI, 2014).

Falar sobre a inclusão de crianças com autismo em sala de aula regular nem sempre é fácil, por vezes gera polêmica e amplas discussões devido à complexidade das características apresentadas quando as mesmas são inseridas no ambiente escolar. A criança com autismo, diante de convívio com outras crianças pode apresentar comportamentos agressivos com os professores e colegas, podendo ocasionar conflitos. Entretanto o professor, quando recebe uma criança com autismo em sua sala de aula, sente-se desafiado ao iniciar o processo de inclusão, pois a criança apresenta grande dificuldade em interagir e se comunicar.

Marra, Andrade (2021) colocam que estudos indicam que a escola é necessária para o desenvolvimento de uma criança com TEA, devendo incitar suas habilidades de aprendizagem, de reciprocidade sócio emocional, comunicação social, habilidades sociais, interesses diversificado, rotinas padronizadas de vida escolar, oportunizando ambientes planejados para evitar a ocorrência de problemas comportamentais como

estereotípias corporais e gestuais, comportamentos agressivos e auto agressivos, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, dentre outros.

A inclusão de crianças com autismo em sala de aula regular prevista em lei assegura ao aluno o direito do acesso ao ensino, ficando à escolha dos pais matricularem ou não os filhos em escolas regulares. Para que a instituição de ensino promova inicialmente o desenvolvimento e, posteriormente, a aprendizagem é necessário que ela disponha de uma prática pedagógica coletiva na qual seja esclarecida a importância do envolvimento familiar com a escola, além de mudanças de caráter estrutural e metodológico, privilegiando um currículo que se adeque também às necessidades da criança com autismo.

Nesse sentido, Felin (2013) coloca que para estimular uma aprendizagem sem erros, é fundamental seguir certas normas como: assegurar a motivação, apresentar as tarefas somente quando a criança atende, e de forma clara; apresentar tarefas cujos requisitos já foram adquiridos antes e que se adaptam bem ao nível evolutivo e às capacidades da criança, empregar procedimentos de ajuda e proporcionar reforçadores contingentes, imediatos e potentes (FELIN, 2003).

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

A natureza deste estudo segue na perspectiva básica, que de acordo com Antônio Carlos Gil, em seu livro “Métodos e técnicas de pesquisa social”, a pesquisa científica básica deve ser motivada pela curiosidade e suas descobertas devem ser divulgadas para toda a comunidade, possibilitando assim a transmissão e debate do conhecimento.

Este estudo objetivou realizar um estudo em relação ao papel do pedagogo frente à inclusão das crianças autistas no ambiente escolar. Para alcançar tal objetivo fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica para ampliar o conhecimento sobre o tema proposto. Sobre isso Boni; Quaresma (2005) cita Luna (1999) quando informa

Em linhas gerais a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. Ela abrange: publicações avulsas, livros, jornais, revistas, vídeos, internet, etc. Esse levantamento é importante tanto nos estudos baseados em dados originais, colhidos numa pesquisa de campo, bem como aqueles inteiramente baseados em documentos (LUNA, 1999, p.4).

A estratégia metodológica focalizou-se na abordagem de investigação qualitativa que segundo Sampieri (2006) esta abordagem tem sido empregada em disciplinas humanísticas como a antropologia, a etnografia e a psicologia social. A pesquisa de abordagem qualitativa proporciona um leque de métodos de investigação e coletas de dados, através de entrevistas, observações, documentos, registros, filmes. Sendo eleita aqui neste estudo como forma de obtenção de dados a revisão bibliográfica em livros, teses, Leis e demais artigos escritos sobre o tema, os quais também servirão para embasar, justificar e fundamentar o tema abordado, observando que atualmente a bibliografia sobre este tema tem aumentado, devido à preocupação com a realidade de inserção escolar dessas crianças portadoras de TEA.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O TEA é um transtorno global do desenvolvimento, que geralmente se manifesta antes dos três anos e se prolonga por toda sua vida. A caracterização do transtorno manifesta-se num conjunto de sintomas que afeta áreas como socialização, comportamento e comunicação. No entanto, não podemos concluir que todos os indivíduos com o transtorno não são capazes de desempenhar de maneira satisfatória seu papel social, e desenvolvimento pleno. Muitos desses indivíduos estão inclusos na escola e precisam absorver conhecimento e integrarem-se aos grupos.

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola comum, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. Isso requer dos profissionais que lidam com indivíduos com TEA busquem conhecimento e informações necessárias para o convívio social e a aprendizagem, considerando as possibilidades e a multiplicidade das maneiras como esse transtorno se manifesta.

A afetividade cumpre um papel de suma importância no desenvolvimento cognitivo de todos os indivíduos, principalmente, os que têm necessidades especiais. Os professores que atuam em sala de aula e os que estão em formação precisam estar preparados para trabalhar essas situações, compreendendo as particularidades de cada caso.

Este trabalho buscou contribuir com as pesquisas sobre o TEA, focalizando a relação ensino-aprendizagem para auxiliar nesse processo de conscientização e de mudanças efetivas na educação desses estudantes.

## REFERÊNCIAS

BERSCHKE, Rita. Tecnologia assistiva e educação inclusiva. In: **Ensaio Pedagógico**. Brasília: MEC/ SEESP, 2006. P. 89-94.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC ,Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal 12.764/2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: adaptações curriculares. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau

COLL, Cesar. MARCHES, Álvaro. PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: transtorno do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. São Paulo: Editora Penso, 2004.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

Diferenças: doença, síndrome, transtorno – disponível em <https://inpaonline.com.br/blog/doenca-sindrome-transtorno/#:~:text=A%20s%C3%ADndrome%20se%20caracteriza%20por,ou%20sugerem%20uma%20doen%C3%A7a%20espec%C3%ADfica>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas

HEWITT, Sally. (2005). **Compreender o Autismo**: Estratégias para alunos com autismo nas escolas regulares. Porto Editora

KUBASKI, Cristiane. **A Inclusão De Alunos Com Transtorno Do Espectro Do Autismo Na Perspectiva De Seus Professores**: Estudo De Caso Em Quatro Escolas Do Município De Santa Maria/Rs. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Santa Maria, RS, Brasil. 2014.

JORDAN, Rita, (1990). **As Necessidades Curriculares Especiais das Crianças Autistas**: Capacidade de Aprendizagem e Raciocínio. Edições Springhallow. Lisboa.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2a edição. São Paulo: EDUC, 1999

MARRA, Aurea Cintra de Azevedo. ANDRADE, Lucianne Oliveira Monteiro. **Desafios para a inclusão de alunos com TEA na educação básica regular** - Disponível em [https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1754/6/art\\_esp\\_Aurea%20Cintra%20de%20Azevedo%20Marra.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1754/6/art_esp_Aurea%20Cintra%20de%20Azevedo%20Marra.pdf). Acesso em 05 de março de 2022

MORGADO, Vera Lúcia Miranda Pires. **Estratégias a utilizar para promover a inclusão escolar de um aluno com autismo**. Disponível em [https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/1356/1/Estrategias\\_autismo.pdf](https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/1356/1/Estrategias_autismo.pdf). Acesso em 30 de agosto de 2021.

PELIN, Leonice. Estratégias para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em [http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20880/3/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_96.pdf](http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20880/3/MD_EDUMTE_2014_2_96.pdf). Acesso em 04 de março de 2022

PEREIRA, Fernanda Cristina Teles. Inclusão do aluno autista na sala de aula – disponível em [https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2321/1/tcc\\_Fernanda%20Cristina%20Teles%20Pereira.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2321/1/tcc_Fernanda%20Cristina%20Teles%20Pereira.pdf). Acesso em 05 de março de 2022

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de pesquisa**. 3. Ed. – São Paulo: McGraw-Hill, 2006. 624 p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular**: entenda o autismo. Objetiva, Rio de Janeiro, 2012.

VARGAS, Rosanita Moshini. Autismo e Síndrome de Asperger: caminhos possíveis. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga. (orgs) **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**: entendendo melhor os alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Walk, 2011, p. 163-178.

VICARI, Luiza Pinheiro Leão. **Escolarização de alunos com TEA**: Práticas Educativas Em Uma Rede Pública De Ensino. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e inclusão social. Belo Horizonte, MG, Brasil. 2019.

WELZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szarecki; ZANON, Regina Basso. **Inclusão Escolar e Autismo**: Sentimentos E Práticas Docentes. Psicologia Escolar e Educacional. v. 24, RS, Brasil, 2020.